

# CLIO NA COMPANHIA DE JESUS: NOTAS SOBRE A HISTORIOGRAFIA JESUÍTICA DAS REDUÇÕES DO PARAGUAI<sup>1</sup>

Dr. Paulo Rogério Melo de Oliveira

[paulo\\_rmo@hotmail.com](mailto:paulo_rmo@hotmail.com)

UNIVALI

## Resumo

O artigo propõe algumas reflexões sobre a historiografia jesuítica referente às reduções do Paraguai. A Companhia de Jesus dedicou grande interesse pela história ao longo de sua trajetória e estimulou os jesuítas a registrar historicamente as diversas experiências missionárias ao redor do mundo. Inúmeras narrativas históricas foram produzidas, do século XVII ao século XX, visando glorificar e defender a experiência missionária do Paraguai.

**Palavras-chave:** reduções do Paraguai; historiografia; Companhia de Jesus; historiadores jesuítas; verdade histórica.

## Abstract

The article proposes some reflections on the historiography relating to the Jesuit reductions of Paraguay. The Society of Jesus took great interest in history throughout his career and encouraged the Jesuits to historically record the various missionary experiences around the world. Numerous historical narratives were produced from the seventeenth century to the twentieth century, aiming to glorify and defend the missionary experience in Paraguay.

**Keywords:** Reductions of Paraguay; historiography; Society of Jesus, Jesuit historians, historical truth.

---

<sup>1</sup> Artigo recebido: 30.01.2015. Artigo aprovado: 30.10.2015.

A Companhia de Jesus sempre foi zelosa em relação aos monumentos escritos do seu passado missionário e institucional. A produção de documentos da instituição é monumental, tanto no aspecto da colossal emissão de papéis escritos, quanto na intencionalidade do que foi produzido. Desde a fundação da ordem, sempre houve o cuidado de cultivar um legado exemplar a ser transmitido às futuras gerações. Os próprios jesuítas, a começar pelo fundador, espelharam-se nos escritos dos santos e padres da igreja conservados através dos séculos. Os exemplos do passado e a memória escrita da igreja estimularam o desejo de deixar algo edificante, digno de ser lembrado no futuro. Inácio de Loyola, claramente preocupado com a imagem que a Companhia deixaria à posteridade, lembrava ao padre Fabro da importância a ser dada ao que era escrito e como era escrito, pois “a escrita fica e dá testemunho”.<sup>2</sup>

O esforço de preservação do vasto conjunto documental, conservado em arquivos e publicado parcialmente em diversas coleções<sup>3</sup>, nos dá uma boa ideia do seu valor patrimonial, institucional e histórico para a Companhia, pois o que está em jogo são a memória e a identidade da ordem. Além da conservação em arquivos da própria Companhia espalhados pelo mundo, as fontes jesuíticas foram publicadas em inúmeros trabalhos arquivísticos. As publicações dos “Monumenta Jesuítica”, iniciado em Madri no final do século XIX, o periódico “Archivum Historicum” publicado desde 1932, os “Documentos para la História Argentina”, publicado entre 1927 e 1929 e o “Monumenta Peruana”, são alguns exemplos deste espírito de preservação da memória escrita. Antonio Astrain localizou o impulso oficial desse cuidado com a própria memória nos últimos anos do generalato do padre Cláudio Aquaviva, que recomendou, de uma maneira geral, a redação das histórias das províncias e colégios da Companhia. Aquaviva, que governou a Companhia de 1581 a 1615, não só incentivou a produção de sínteses históricas sobre as Províncias como indicou os temas e a forma de organização dos relatos históricos. Em setembro de 1598 enviou às diferentes Províncias jesuíticas uma missiva com diversas orientações para a elaboração de

---

<sup>2</sup> Carta de Inácio de Loyola ao padre Pedro Fabro, de dezembro de 1542 (CARDOSO 1993, 29).

<sup>3</sup> A Companhia alimenta um arquivo central da ordem em Roma – o “Arquívum Romanum Societatis Iesu” – e diversos outros em vários países. As coleções também são numerosas. Citamos como exemplo a “Colección Pastells”, que reúne 164 volumes de cópias manuscritas e 154 volumes de resumos de documentos.

uma história geral da Companhia. Essas orientações/instruções teriam uma enorme influência sobre a produção historiográfica jesuítica. Seu generalato foi caracterizado por uma ampla reforma e meticulosa administração da instituição, e o projeto historiográfico que idealizou é bom exemplo disso (BOJORGE, 2008, CERTEAU, 2007). Foi nesse período que as cartas anuais – “*litterae annuae*” - começaram a ser publicadas. O desejo manifesto do padre Geral de ver uma “*composición integra y contínua*” da história da Companhia “desde sus Orígenes” era motivado por uma dívida da instituição para com os seus membros. Era necessário reconhecer as virtudes dos seus maiores vultos e oferecer com os relatos de suas vidas um bom exemplo a “*los venideros*”. Depois de apontar os motivos que presidem a elaboração dos relatos históricos, Aquaviva desfiou as instruções. Solicitou aos provinciais que informassem os acontecimentos mais relevantes de suas províncias, que servirão de “*matéria*” para a história geral. Recomendou que a narrativa deveria obedecer a uma ordem, começando pelos fatos mais antigos e terminando com os mais recentes. Orientou também que recorressem aos arquivos e as pessoas confiáveis, e que dessem maior atenção aos “*asuntos antiquísimos y grandes*”. Tudo deveria ser “*ratificado y confirmado*”, respeitando “*lugares, tiempos y personas*” (BOJORGE, 2008, p. 5). Em seguida, Aquaviva propôs um conjunto de temas, dividido em três blocos. O primeiro dizia respeito às atividades dos jesuítas, como as fundações e os progressos dos colégios e casas, os nomes dos fundadores e as respostas que as cidades davam à presença dos jesuítas. O segundo conjunto de temas registraria os sucessos “*prósperos y adversos*” da Companhia. O terceiro abordaria as virtudes e grandes gestos dos jesuítas mortos, com destaque para a vida santa que cultivaram. Estas orientações e indicações temáticas serviram de norte para a produção historiográfica dos jesuítas. Ao instruir os provinciais sobre os temas merecedores de figurar nos registros históricos, Aquaviva definia os contornos da imagem da Companhia que gostaria de deixar para a posteridade.

O interesse por escrever a história da Província do Paraguai derivaria desta recomendação geral, pois “*parece natural que en el Paraguay, como en todas as partes, se despertase algún deseo de escribir la historia doméstica para satisfacer á las indicaciones del P. General*” (ASTRAIN, 1902-1909, Prólogo). Nenhuma obra sobre a Província do Paraguai foi publicada durante a administração de Aquaviva, que se encerrou com sua

morte no começo de 1615. Mas sabemos, pelo padre Pastels, que Torres Bollo escreveu um “libro breve”, em 1603, intitulado “Breve relación del fruto que se recoge de los índios del Peru”. Nesta relação aparecem os trabalhos dos jesuítas nas “tierras del Paraguay”, embora a Província Jesuítica do Paraguai ainda não existisse (PASTELS, 1912) Sobre a Província do Paraguai, o relato histórico mais antigo são os dois tomos deixados pelo padre Juan Pastor. Morto em 1658, sua obra não foi publicada. Nicolás Del Techo valeu-se muito dos registros de Pastor para escrever a sua obra (ASTRAIN, 1902-1909, Prólogo).

Nas obras dos diversos padres historiadores, que tomam os documentos jesuíticos como expressão maior da verdade histórica, e desde o século XVII empenham-se em registrar uma versão oficial das missões do Paraguai, encontramos um esforço de sistematização dos temas dispersos nas correspondências da Companhia e na documentação colonial. Na extensa historiografia jesuítica referente à Província Jesuítica do Paraguai destacam-se as obras dos padres Nicolás Del Techo, Pedro Lozano, Charlevoix, Sánchez Labrador, José Guevara, Pablo Hernández, Pablo Pastels, Antonio Astrain, Carlos Teschauer, José María Blanco, Gonzaga Jaeger, Guillermo Furlong e Clóvis Lugon. Estes autores mantiveram formas bastante variadas de contatos com as missões. Alguns viveram no Paraguai, conheceram de perto as reduções ou desempenharam trabalhos missionários, outros sequer conheceram a América. Padre Techo viveu mais de vinte anos entre os guarani do Paraná e Uruguai, enquanto Charlevoix conheceu o Paraguai apenas pelas cartas dos missionários. Apesar das diferenças, todos eles escreveram sobre as missões usando como fonte, principalmente, a correspondência epistolar. É verdade que nem todos tiveram acesso às mesmas fontes. Uma grande quantidade de documentos só foi descoberta e utilizada no começo do século XX. Pablo Pastells, por exemplo, orientado pelo padre Geral da Companhia Luis Martín em 1905, fez uma varredura nos arquivos de Sevilha e juntou, resumiu e identificou milhares de documentos. Pablo Hernández, pela mesma época e também com o apoio de Luis Martín, prestou inestimável colaboração, publicando um grande volume de documentos, muitos dos quais inéditos, dispersos em arquivos de vários países.

Nicolás Del Techo, com a sua “Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús”, publicada em 1673, fundou uma historiografia voltada para as missões do

Paraguai. A atividade de missionário, que exerceu durante 20 anos, e as funções de reitor do colégio de Assunção e Superior Geral que exerceu dentro da instituição, oportunizaram ao padre Techo conhecer tanto o lado burocrático e administrativo da Companhia como suas atividades apostólicas.<sup>4</sup> No prefácio, dirigido aos padres jesuítas da Europa, Techo expõe as razões que o levaram a escrever sobre “lo que la Compañía de Jesús hijo en el Paraguay”. De início, enormes dificuldades desmotivavam o empreendimento:

veía claramente que, en médio de un país bárbaro, no dispondría de lo que es indispensable para escribir culta y elegantemente. Sabía que em región tan dilatada tropezaria con dificultades para recoger documentos de los que, reunidos, pudiera entresacar los mas interesantes. Añádase á esto, y lo diré sin rodeos, que mi carácter, por la gracia de Dios, es más inclinado á la acción que el ejercicio tranquilo de escritor, y siempre creí más glorioso manejar la espada de la divina palabra al lado de los aguerridos soldados de Cristo, que la pluma (TECHO, 1897, Introduccion).

Por outro lado, pondera Techo, “consideraba que no era justo dejar en perpetuo olvido los ilustres hechos de los misioneros, ya que merecían eterna memoria”. Com este “espírito vacilante”, começou a reunir documentos e ouvir depoimentos dos missionários mais antigos sobre “ciertos acontecimientos”. Motivado pelos companheiros e pelos superiores<sup>5</sup> pôs-se a relatar as façanhas heróicas dos religiosos da Companhia que, atravessando “lagunas, peñascales, selvas virgenes y vastos desiertos”, deram seu sangue por Cristo nas terras remotas do Paraguai. Na pena de Techo o Paraguai converte-se num palco de lutas dramáticas onde os “generosos atletas combatiam los errores de la idolatria”. Homens como Roque González, Ruiz de Montoya, Cristóbal de Mendoza, entre outros, alcançaram a “fama e a categoria de heróes, de ilustres campeones” enviados pela Europa para travar “batallas apostólicas” entre os povos “bárbaros” (TECHO, 1897, Introduccion).

Pedro Lozano, no mesmo estilo triunfante de Techo, produziu uma obra de envergadura, que se tornaria uma grande referência dentro e fora da Companhia. Nascido na Espanha em 1697, chegou ao Rio da Prata por volta de 1717. Lozano era um homem de

---

<sup>4</sup> Uma breve, porém bem informada, biografia do padre Techo foi escrita pelo jesuíta húngaro Ladislau Orosz, em 1759. A pequena biografia faz parte de uma coleção de biografias divididas por décadas, dos jesuítas que atuaram no Paraguai no século XVII. As 5 primeiras décadas foram cobertas pelo padre Techo. As 4 décadas posteriores ficaram a cargo do padre Orosz (FURLONG, 1966).

<sup>5</sup> Techo diz ter recebido cartas desde Roma, em nome do Vigário Geral e do Reverendo Padre Geral, estimulando-o a dar prosseguimento ao empreendimento. Recebeu também indispensável ajuda dos padres Provinciais que, cumprindo as ordens do padre Geral, correram em busca dos documentos reunidos nos arquivos da Companhia (TECHO, 1897, Introdução).

letras, ligado aos assuntos internos da Companhia, não um missionário. Residiu em Córdoba, no Colégio Jesuítico, durante quase toda sua permanência na América. Celebrado entre os seus pares como homem de grande habilidade na escrita e vasta erudição, desempenhou a função de cronista da Companhia na Província do Paraguai. No exercício deste cargo, foi encarregado de redigir as reclamações da Companhia contra o tratado de Madri, em 1750 (LAMAS In: LOZANO 1873, Introduccion). Viveu, portanto, aqueles tempos conturbados para os jesuítas que antecederam sua expulsão da América ibérica. Neste contexto, dedicou duas obras à história dos jesuítas na província do Paraguai. A primeira, “Historia de la Compañia de Jesus en el Paraguay”, foi publicada em Madrid em 1754-55, e entre 1873-1875 aparecia a “Historia de la Conquista del Paraguay, Rio de la Plata y Tucuman”. Durante sua permanência no Paraguai viajou pelas províncias de Misiones, Córdoba, Santa Fé, Corrientes, desceu o rio Paraná e o Uruguai de balsa e foi diversas vezes a Buenos Aires. Visitou os arquivos de Santiago del Estero, Tucuman y Salta. A finalidade destas viagens, além de conhecer “el país”, era adquirir informações e documentos, que foram fundamentais na elaboração das obras (LAMAS In: LOZANO 1873, Introduccion).

No prefácio à sua “Historia de la Conquista del Paraguay”, Lozano nos revela que, movido pelo “impulso de la obediência”, empenhou-se em “dar al público la Historia de esta provincia del Paraguay de la Compañia de Jesus”, e de seus filhos ilustres que conquistaram “lugar en el templo de la fama” (LOZANO, 1873, p. 1). A Província do Paraguai, aos olhos do cronista oficial da ordem, foi:

el palenque donde aquellos campeones consiguieron de la idolatria y de los vicios las ilustres victorias que immortalizaron su nombre, ó como el teatro donde han de representarse los triunfos de la fe y de la virtud, contra la milicia del abismo (...) Por tanto, me resolví á describir aquí esta provincia jesuítica con toda la puntualidad que me fuera posible (LOZANO, 1873, p. 1).

Lozano não pretende apresentar mais uma versão sobre a Companhia na Província do Paraguai, como tantas outras, marcadas pela imprecisão, por notícias confusas e “poca claridad”. Nos domínios da composição do texto, diz seguir o estilo dos cronistas religiosos “que escribieron en las Indias, e que sua pluma será governada por el seguro rumbo de la verdad, que es la senda que en tales asuntos ancamina al acierto” (LOZANO, 1873, p. 3). E com a pluma no rumo certo, Lozano celebra a descoberta do “mundo nuevo” graças a

“audácia incomparable de la nacion española”. Com o indisfarçável prazer de quem corrige um grande equívoco, reprova a incredulidade dos antigos, que aplaudiram e acataram a “verdade frívola” de Ovídio e o dito de Píndaro sobre a não existência da quarta parte do mundo. Mas a “esperiencia, madre de los aciertos” desfez o erro e revelou a América ao mundo. Com este preâmbulo Lozano introduz o leitor no mapa étnico da Província do Paraguai. Apresenta nos capítulos XVII e XVIII da “História de la Conquista del Paraguai” um detalhado panorama da diversidade de “naciones” que habitavam a região. A “nacion guarani”, destacada como a mais valorosa e afamada, recebeu mais atenção do historiador. Seus costumes, as formas de moradia, a organização política e a vida religiosa, são descritas com interesse e acuidade quase etnológicas. Mas apesar da rica diversidade, nenhuma das “naciones” erguia-se do chão caótico da gentilidade, onde jaziam “sepultadas en el tenebroso caos de la idolatria”. Eram “fieras salvajes é inhumanas” que não se pode dizer nem que viviam ao natural, sobretudo os guaranis, que tinham o pernicioso costume de comer carne humana.

É neste cenário bestial e caótico que os “héroes jesuitas realizarão proezas esclarecidas y hazañas prodigiosas” (LOZANO, 1873, p. 1). Os guarani, apegados aos seus costumes e aos “diabólicos ejercicios”, abandonarão “noblemente” a “gentilid” depois de instruídos “en la doctrina evangélica”. O prodígio da Companhia foi extirpar os vícios, as idolatrias e as artes diabólicas dos “magos” e fazer triunfar sobre a barbárie “un gênio capaz de aprender con eminência las artes mecânicas, y aun algunas liberales, y tambien policia para formar una de las mas bien ordenadas repúblicas que tiene la América” (LOZANO, 1873, p. 405). A obra histórica de Lozano, escrita num momento crítico para a Companhia na América do Sul, é uma celebração da vitória da fé sobre a gentilidade e das virtudes sobre os vícios.

A escrita laudatória e inflamada inaugurada por Techo e lapidada por Lozano fez carreira na Companhia e consagrou-se nas obras dos historiadores pósteros. Encontramos o mesmo timbre vibrante e heróico, a mesma sintaxe inconfundível, mais de 200 anos depois, na obra de Gonzaga Jaeger. Escrevendo na primeira metade do século XX, Jaeger absorveu e filtrou a história científica, pelo viés do IHGRGS, e a acomodou ao senso histórico peculiar da Companhia. Em 1940 vem a público “Os Heróis do Caaró e do Pirapó”,

uma hagiografia sobre o “martírio” de Roque González e seus companheiros. Na dedicatória que abre a obra, uma declaração de amor e fidelidade à Companhia: “Preito de amor e gratidão filial à minha querida Mãe, a Companhia de Jesus, por ocasião do quarto Centenário de sua fundação: Vinte e sete de setembro de 1940.” (JAEGER, 1940).

A celebração dos quatrocentos anos da Companhia era uma excelente oportunidade para ritualizar a memória do “martírio” dos beatos e reavivar os desejos de santificação. “Os Heróis do Caaró” vinha cumprir esta dupla finalidade apologética: homenagear o aniversário da ordem e, na esteira das comemorações pelo mundo a fora, reafirmar os “heróis” locais que gloriosamente tombaram sob a sua bandeira.

A obra de Jaeger transita e responde pelas duas instituições que o abrigam e patrocinam. A devoção do jesuíta e a dedicação do hagiógrafo fundem-se ao compromisso com a exatidão do historiador:

Nosso empenho será, pois, o de desdobrar perante aos olhos do leitor os admiráveis exemplos de virtude desses campeões da fé, que certamente mereceriam mais abalizado hagiógrafo.

Se a obra que ora oferecemos ao leitor carece das qualidades quem em biografia similares se requerem, duas pelo menos julgamos poder afiançar que a distinguem: a de ser completa quanto à cópia de documentos até hoje descobertos e a de ser exata na exibição dos fatos históricos (JAEGER 1940, p. 8).

Se Techo evoca sua experiência pessoal e o seu próprio testemunho como garantia da verdade do seu relato, Jaeger o faz apostando na imparcialidade da ciência e na fidedignidade dos relatos jesuíticos.<sup>6</sup> Na esteira dos trabalhos de Pablo Hernández, Carlos Leonhardt e Carlos Teschauer, Gonzaga Jaeger sustenta sua investigação sobre os “Heróis do Caaró” numa ampla base documental. Ao historiador dos “fatos exatos”, empenhado em “dissipar a nebulosidade” que envolve as “radiantes figuras” dos padres martirizados, esta base documental “completa” é o que lhe permite “afiançar”, isto é, dar as garantias de veracidade da obra. Entre os “monumentos históricos” disponíveis, destaca os “Documentos para la Historia Argentina” e a “Historia Documentada”, do padre Blanco (JAEGER, 1940, p. 8). Estes “monumentos” reúnem uma “multidão de escritos (...) fontes de primeira ordem

---

<sup>6</sup> Os historiadores jesuítas das primeiras décadas do século XX, e mesmo depois, como Gonzaga Jaeger, diferentemente dos que lhes antecederam, incorporaram alguns princípios do positivismo e da crítica documental às suas pesquisas. O rigor no tratamento com os documentos, o compromisso com a exatidão do relato e a busca pela objetividade como condição para chegar à verdade dos fatos, marcaram estes historiadores.

(...) que trazem informações exatas (...) relatórios pormenorizados (...) dos trabalhos, conquistas, alegrias e tristezas dos padres e irmãos que morejavam naquela incipiente vinha do Senhor”. Os documentos, “em boa parte epístolas confidenciais”, se distinguem por um detalhe espontâneo: foram “palavras lançadas ao papel sem a mínima suspeita de alguma vez poderem vir a ser dadas à publicidade” (JAEGER, 1940, p. 8).

Jaeger exprime exemplarmente os ideais de veracidade e neutralidade que atravessam toda a historiografia jesuítica, sobretudo no século XX. Os padres missionários e superiores dos séculos XVII e XVIII escreveram com sinceridade, exatidão e espontaneidade sobre suas experiências de conversão. A produção de um relato exato do passado limita-se, portanto, a reprodução fiel do conteúdo dos documentos autênticos que eles deixaram. A fórmula é simples: se os padres do passado dizem a verdade, basta exhibir com exatidão os “fatos históricos” por eles registrados. Afastar-se disso seria acrescentar elementos estranhos e exógenos aos conteúdos dos documentos, procedimento que contaminaria e distorceria a verdade dos “fatos”.

De Techo a Jaeger, a historiografia jesuítica lança uma ponte em direção ao passado, por onde este passado, pretensamente, flui em toda a sua autenticidade e transparência. É como se, através dos historiadores, que se anulam para fazer falar os testemunhos, os padres do século XVII falassem aos séculos posteriores sem nenhuma mediação, sem nenhuma relativização. Estes autores tomam as palavras dos missionários guardadas nas cartas como revelação de um passado e de uma experiência sacralizada no tempo.

Privilegia-se no passado àquilo que ele tem de grande e glorioso, e os feitos edificantes dos grandes homens assumem proporções épicas.<sup>7</sup> Nesta visão monumental destaca-se a chegada heróica dos jesuítas na região e a providencial obra civilizadora junto às populações nativas. A história dos povos guaranis, anterior à chegada dos padres, é vista como um mero antecedente, uma infância ingênua anterior à história adulta, madura e racional trazida pela Companhia de Jesus. Em alguns casos, pinta-se um quadro tão

---

<sup>7</sup> A idéia de uma construção monumental do passado vem de Nietzsche. Nas suas Considerações Intempestivas, publicadas em 1873, Nietzsche avaliou as concepções de história do século XIX considerando em que medida elas eram favoráveis ou prejudiciais à vida. Chamou de visão monumental aquela construção histórica que idealizava e glorificava o passado (NIETZSCHE, 2003). A historiografia jesuítica, em larga medida, apresenta estas características. O passado jesuítico, a evangelização e as realizações dos missionários são mitificadas e descritas a partir de uma narrativa legendária que amplifica os feitos notáveis destes ilustres personagens dignos de louvor e admiração.

medonho do modo de vida e dos valores desses povos que a chegada dos jesuítas só pode ser vista como obra da Providência.

Esta épica jesuítica é encontrada nas cartas anuas edificantes, nas apologias oficiais e na historiografia pró-jesuítica. É o caso, por exemplo, do abade italiano Ludovico Antonio Muratori, que publicou em 1743 “O Cristianismo Feliz nas Missões Jesuíticas”, baseado nas correspondências dos jesuítas e em informações que recolheu entre os padres que chegavam da América. Muratori se propôs apresentar para “os leitores italianos um pequeno ensaio sobre as Missões sagradas” da Companhia de Jesus no “continente do Paraguai”. Os povos indígenas daquela “vastíssima parte do mundo”, escreveu o abade:

viviam imersos nas sombras da ignorância religiosa e agora considerando o invejável estado em que se encontram esses novos cristãos, cheios de alegria, pois o Reino de Jesus Cristo e a verdadeira fé se propagam sobre a terra. Ousei dizer que não há nenhuma outra missão sagrada da Igreja Católica que se iguale a essas afortunadas Missões do Paraguai e espero que os leitores não interpretem de maneira diferente o que vão ler (MURATORI, 1993, p. 12).

Esta obra veio a público num momento delicado para os jesuítas, particularmente para os jesuítas que atuavam nas fronteiras sul-americanas dos impérios português e espanhol. Na segunda metade do século XVIII a Companhia foi alvo de acusações ferozes, que resultaram na perda de sua legitimidade e na expulsão dos jesuítas da América espanhola e portuguesa. O efeito disso sobre as reduções do Paraguai foi dramático. Neste contexto de difamação, a obra de Muratori, mesmo sem ter tido a pretensão, assume contornos de uma “mensagem mobilizadora”<sup>8</sup>, e realiza o que Raoul Girardt denominou de “movimento do sonho na direção de um passado de Luz, mais feliz e mais belo.”<sup>9</sup> Nestes termos, evocar um passado repleto de glórias tem o efeito de exorcizar um presente degradante e ameaçador. O Abade Muratori, embora não mencione explicitamente as perturbações do presente que o deslocam para o passado, dialoga com o momento de crise

<sup>8</sup> A obra de Muratori é anterior às polêmicas anti-jesuíticas, mas convém lembrar que as traduções para as diversas línguas foram posteriores ao Tratado de Madri. A tradução francesa é de 1754, a inglesa é de 1759, a tradução alemã é de 1758 e a holandesa de 1822.

<sup>9</sup> Raoul Girardet analisa as manifestações do mito da Idade de Ouro, ou do “tempo do antes”, como uma espécie de antídoto contra as perturbações do presente. O recurso ao passado, a um passado mitificado e exemplar, busca desfazer um mal estar do presente. “Oposto à imagem de um presente sentido e descrito como um momento de tristeza e de decadência, escreveu Girardet, ergue-se o absoluto de um passado de plenitude e luz.” Ou ainda: “Há o tempo presente e que é o de uma degradação, de uma desordem, de uma corrupção das quais importa escapar. Há, por outro lado, o ‘tempo de antes’ e que é o de uma grandeza, de uma nobreza ou de uma certa felicidade que nos cabe redescobrir.” (GIRARDET, 1987, p. 97-106).

vivido pela Companhia de Jesus. O Cristianismo Feliz nos remete aos dias gloriosos dos jesuítas no Paraguai e nos convida ao regozijo. Reinstaura a Idade de Ouro das Missões contra as ameaças de dissolução que rondam a Companhia e assombram índios e missionários na América do Sul.

Quatro anos depois da publicação italiana de *O Cristianismo Feliz*, o jesuíta e explorador francês Pierre François-Xavier de Charlevoix publicou na França a “*Historia del Paraguay*”. Na exposição dos motivos que o levaram a “*escribir la Historia*” fica evidente o mal estar e os perigos que rondam a Companhia e as reduções em meados do século XVIII. Charlevoix se propõe buscar a verdade e desnudá-la diante do leitor, para que este possa julgar se a conduta adotada para transmitir aos americanos “*establecimientos útiles*” e para “*obligarlos á bendecir el dia en que brilló á sua ojos la lus del Evangelio*”, foi a mais “oportuna” (CHARLEVOIX, 1910, p. 20). Ao leitor, “amante de la verdad”, o historiador pergunta: “*qué placer puede haber mayor que verla (a verdade) aparecer en virtud de su próprio brillo á través de las nubes con que sus enemigos la habían querido obscurecer?*” A extensa e admirável obra de Charlevoix é uma busca por esta verdade encoberta pelos inimigos e uma defesa do fecundo trabalho apostólico dos jesuítas no Paraguai.

As “*Republicas cristianas*”, fundadas pelos jesuítas “*en el centro de la más feroz barbárie*” possuíam “*un plan más perfecto que las de Platón*”. Neste “*nuevo Apostolado*”, os missionários tiveram que combater contra a fadiga e perigos de toda a espécie. Percorrer “*países intransitables, y cuyos habitantes eran más temibles todavia que las fieras que allí se encuentran*”. Mas o espírito de sacrifício dos missionários era bem maior que os desafios que cortavam os seus caminhos.

Estes “*establecimientos tan gloriosos para la Religión y útiles al Estado*” foram erigidos por homens que se valeram apenas do seu suor e do seu sangue. Armados somente “*de la espada de la palabra*” e com o evangelho na mão, enfrentaram a fúria “*dos más intratables salvajes*”, a quem os espanhóis não conseguiram dobrar pela força. Triunfando sobre todos estes obstáculos, os missionários civilizaram e converteram exemplarmente os indígenas. Mas este apostolado glorioso e coroado de sucessos, protesta Charlevoix, não livrou os jesuítas das injúrias de seus adversários:

Contariados sin cesar, calumniados en todas las regiones del mundo habitado, arrojados con violéncia é infâmia de sus casas, arrastados á todos los tribunales

como traidores y facinerosos, vieron muchas veces perecer los frutos de sus trabajos (CHARLEVOIX, 1910, pp. 23-24).

Escrita numa época em que a fidelidade dos jesuítas à coroa era posta em dúvida, a obra de Charlevoix pode ser lida, em parte, como um colossal empreendimento para apresentar a obra missionária do Paraguai como um triunfo não só da religião, mas do estado espanhol. Os jesuítas, protagonistas deste triunfo, ao contrário do que difundem os caluniadores, são apresentados como humildes servidores dos reis católicos. Lograram sujeitar os índios à coroa espanhola e persuadi-los de que quando rendem ao seu “Soberano” a mais pronta obediência, e sacrificam a seu serviço os bens e a vida “con un desinterés de que no había ejemplo”, é a Deus mesmo que servem (CHARLEVOIX, 1919, p. 22).

Entre a década de 1750 e o início do século XX, um intrigante vázio historiográfico sobre o Paraguai. Exceção feita às publicações inéditas e tardias de duas importantes obras de Pedro Lozano e padre Guevara, o que se observa é um ligeiro abandono do tema. A “História del Paraguay, Rio de la Plata y Tucuman” do padre Guevara, escrita provavelmente entre a expulsão dos jesuítas da América e a supressão da Companhia em 1773 e publicada em 1836, desponta isolada no século XIX. A primeira parte da obra trata basicamente dos povos sul-americanos, com destaque para os guaranis. A segunda parte nunca foi encontrada. “La provincia del Paraguay”, anota Guevara, “la ocupaban los mbayás, los guaycurús, los ibirayrás y principalmente los guaranis, divididos en varias ramas, con alguna diversidad de lenguaje y modales que los diferenciaba en los accidentes”. Na descrição e julgamento dos costumes indígenas, Guevara mantinha-se fiel à tradição jesuítica: “Empezamos a dar una Idea de estos brutos racionales (...). Su gobierno era de los más infelices que pueden caer en La humana aprensión”. Apesar do duro julgamento, as observações de Guevara sobre o governo indígena e o lugar ocupado pelos “hechiceros” na vida religiosa são muito ricas (GUEVARA).

A escassez de publicações no século XIX talvez possa ser explicada, em parte, pelas turbulências que atingiram a Companhia no conturbado século XVIII. Cercados por adversários determinados, primeiro vieram as supressões nacionais, depois a dramática expulsão dos jesuítas da América e a dispersão das missões, e por fim a supressão da ordem

em 1773 com o breve papal *Dominus ac Redemptor*. Padre Guevara deixa entrever o ambiente desfavorável que envolvia a atividade dos jesuítas, quando da composição da obra. Na breve apresentação menciona os “tiempos juiciosamente críticos en que vivimos”. Guevara se encontrava em Santa Catarina quando foi surpreendido pela supressão do seu instituto. Metade de sua obra, de acordo com as investigações de Pedro de Angelis, lhe foi arrebatada. Entre as instruções que foram dadas para que se levasse a efeito a expulsão dos jesuítas, estava a que mandava recolher e enviar para a Espanha os manuscritos da “Historia” do padre Guevara.<sup>10</sup> Uma perda inestimável para a historiografia e para os pesquisadores, pois Guevara era dono de um talento narrativo peculiar que, infelizmente, continua desconhecido da maioria dos historiadores.

O século XIX, que se inicia em 1814 para a Companhia, embora não se resuma a isso, parece ter sido marcado por um esforço de reorganização e restauração da reputação e da influência experimentadas nos dois primeiros séculos de existência (WRIGHT, 2006, p. 219-228). O Decreto de Pio VII *Solicitud o omnium Ecclesiarum*, restaurando a Companhia em todo o mundo, trouxe vida nova à instituição, mas não acabou com os problemas. Ao longo de todo o século XIX foram expulsos diversas vezes de vários países e sofreram sangrentas perseguições. Os problemas adentraram o século seguinte com novas ondas de expulsões, perseguições oficiais, como na Espanha, e violentos assassinatos, como os da China. Mas já no início do século XX verifica-se um novo ânimo e um novo impulso historiográfico. As missões do Paraguai retornam ao centro dos interesses de uma nova e fecunda geração de padres historiadores. Influenciados pelas novas aquisições do conhecimento histórico gestadas no século XIX, estes historiadores, com rigoroso espírito científico-objetivo, voltaram-se ao passado da Companhia com renovado interesse. Uma enorme distância separava estes novos historiadores daquela primeira geração de Techo e Lozano. Entre as duas gerações desenvolveu-se e consolidou-se a história como um campo de saber específico, institucionalizado e com suas próprias regras. No entanto, observa-se na historiografia jesuítica uma notável continuidade de temas e a mesma e inabalável

---

<sup>10</sup> Ver o discurso preliminar de Pedro de Angelis à obra do padre Guevara (GUEVARA). A parte da obra do padre Guevara que desapareceu é justamente aquela que narra o período das reduções em diante. A parte que foi conservada e publicada trata de aspectos gerais do Paraguai como a divisão do território, os primeiros habitantes e alguns tópicos interessantíssimos sobre os costumes, o governo e a vida religiosa dos povos indígenas.

confiança no próprio passado. A novidade é que os temas fixados e consagrados pelos primeiros historiadores serão revestidos de uma nova legitimidade epistemológica fundada no saber científico do século XIX e no estatuto do documento como prova.

No início do quinto século da Companhia manifesta-se, nos domínios da história, um sintomático interesse pela documentação do passado dispersa em diversos países e em inúmeros arquivos. Vários historiadores, com incentivo oficial, percorrerão estes arquivos com o propósito de identificar, reunir e publicar a vasta e inédita documentação. Um trabalho de inestimável valor e ao mesmo tempo revelador da importância que o passado assume no limiar do novo século para a Companhia.

Um século e meio depois de Muratori e Charlevoix, em 1913, num momento mais confortável para a Companhia, o jesuíta Pablo Hernández, imbuído deste novo espírito científico, publicou o seu “Bosquejo Histórico” sobre as missões do Paraguai. A obra se antecipava às celebrações de 1914 do Centenário da restauração da Companhia de Jesus. Num momento tão significativo para a Companhia, que nunca descuidou do seu passado, era quase uma exigência lembrar uma de suas “más insignes glorias”. Ciente da carga simbólica que envolvia 1914 e das expectativas que sua obra mobilizava, Hernández empreendeu uma vasta pesquisa em diversos arquivos da Companhia para “ilustrar una parte de dicha historia, la que pertenece á las instituciones dadas por los Jesuítas á aquellos índios” e aferir “el grado de civilización que alcanzaron” (HERNÁNDEZ, 1913). Para realizar esta “empresa”, sem repetir o que tantos outros já haviam escrito e sem tropeçar nas “increíbles falsedades” que rondam as “famosas Misiones, urgía hacer un estudio objetivo, y poner la realidad misma de las cosas ante los ojos del lector” (HERNÁNDEZ, 1913). No melhor estilo da modéstia protocolar jesuítica, Pablo Hernández diz que seu “modesto estudio” ficou muito aquém “de la apetecida perfección”, mas se dá por satisfeito por ter contribuído para “restaurar la verdad histórica”. E se o seu estudo não passa de um “pálido reflejo” daquela “realidad”, ele é pelo menos um “reflejo exato” para dar a conhecer “la grandeza de la misma realidad (HERNÁNDEZ, Introdução).” Para avaliar o grau de civilização alcançado pelos guarani, o historiador posiciona o seu estudo em relação as diferentes percepções elaboradas sobre estes indígenas:

Largamente se ha disertado á veces pintado á los salvajes como pueblos primitivos, en el estado de la naturaleza, inofensivos como niños, rectos en sus deliberaciones,

colocados en el primer estadio de la vida, y que por sucesivas evoluciones han de recorrer el camino del progreso hasta llegar al ápice de la civilización (HERNÁNDEZ, Introdução).

Com os “datos recogidos”, Hernández apresenta um “concepto bastante diverso” das teorias correntes sobre os ditos “salvajes”. Os índios em geral, avalia, encontram-se num estado de “inferioridad, caimiento y nada lisonjeras condiciones Morales”, e os “Guaranies en especial” era um povo em franco “estado de decadência”. Longe de encontrar o caminho do progresso rumo à civilização, o guarani “cada vez iba acercándose más á la degradación que llega á la semejanza con los animales irracionales”. Era neste estado de degradação generalizada que se encontravam os índios quando foram alcançados pela “prudência Cristiana” trazida pelos jesuítas. A família guarani primitiva, no seu gentilismo e infidelidade, padecia de um defeito substancial:

pues en ella reinaba la poligamia, violándose la unidad que como base del matrimonio exige la ley natural. Un indio Guarani podía tener muchas mujeres, llegando en el *tubichá* ó cacique el número de ellas á veces hasta veinte ó más, cuantas podía mantener (...).

Agréguese á todo esto el sombrío tinte de crueldad que sobre familia tan inculta esparce la antropofagia, que es indudable que practicaron: agréguese la ferocidad que les producía su continuo estado de guerra y su carácter vengativo: agréguese finalmente su lujuria y borracheras, de que ya se ha tratado: y se tendrá idea del estado miserable de aquellos indios (HERNÁNDEZ, 1913, p. 84-86).

Para Pablo Hernández, os guarani não reuniam as condições que permitiriam avançar, por “sucesivas evoluciones”, dos primeiros estágios da vida ao ápice da civilização. O historiador jesuíta não compartilhava do otimismo iluminista sobre a perfectibilidade dos índios americanos, mas também não engrossava as fileiras daqueles que viam os índios como bestas irracionais em vias de extinção.

Dois erros fundamentais, segundo Hernández, impediam os estudiosos de “formar una exacta idea del carácter y cualidades de los índios”: o primeiro era o “error por defecto”, que negava ao índio a capacidade e atitudes que realmente possuía; o segundo era o “error por exceso”, que supunha o índio mais perfeito e capaz do que ele realmente era (p. 43-57). Os índios, na sua concepção, eram seres humanos decaídos. A luxúria, as bebedeiras, a antropofagia, as guerras intermináveis e as múltiplas superstições haviam embotado e obscurecido o seu entendimento e produzido neles a incapacidade e a

imprevisão (p. 52). Nestas condições, o acesso dos guaranis à patamares mais avançados de civilização só se daria mediante uma intervenção externa que reorientasse e reorganizasse todo o seu modo de vida. Este papel coube à religião e aos trabalhos dos virtuosos missionários da Companhia de Jesus que os resgataram da selvageria e lhes deram sólidas instituições: “el modo de vivir la familia, de gobernarse el municipio, de ejercer el derecho de propiedad, instrucción religiosa y prácticas de piedad (...), enfim, el grado de civilización que alcanzaron” (Introdução). No Centenário da restauração da ordem, as reduções do Paraguai, na habilidosa e fartamente documentada construção do jesuíta espanhol, tornavam-se o espaço de um verdadeiro milagre da evolução.

O Centenário da restauração também mobilizou os esforços de outro importante historiador da Companhia, o padre espanhol Pablo Pastells. A “Historia de la Compañia de Jesus en la Provincia del Paraguay, según los documentos originales”, foi publicada em 1912, antecipando-se ao Centenário, mas o impulso para a concepção da obra já vinha desde 1905. Em carta ao Prepósito Geral da Companhia, Pastells esclarece:

La obra empezó por orden del P. Luis Martín, de buena memoria, quien, desde Roma, me escribía en 19 de Septiembre de 1905: “He determinado y convenido com el Provincial de Aragón que V.R. quede por ahora libre de toda otra acupación y passe á Sevilla, para buscar y recoger en aquel Archivo los documentos pertenecientes á la Historia de la asistencia de Espana em América” (PASTELLS, Prólogo).

A “Historia de la Compañia de Jesus en la Provincia del Paraguay” é, em parte, uma obra arquivística e, ao mesmo tempo, um estudo histórico. A finalidade da obra é apresentada logo de saída. Na aproximação do ano de 1914, em que a Companhia celebrará o primeiro Centenário de seu restabelecimento, padre Pastells, oferece “por vez primera” os documentos relativos à antiga província do Paraguai existentes no “Archivo general de Índias de Sevilla” (Prólogo). A escolha da província do Paraguai para celebrar o Centenário se deve ao fato de ter sido ela “la más gloriosa y perseguida”. A publicação dos documentos deverá servir de “guía á los historiadores para encaminar sus estúdios al esclarecimiento de la verdad, primer objeto de todo historiador” (Prólogo). Com este compromisso com a verdade, guiado pelo caminho insuspeito dos documentos, Pastells introduz o tema com um balanço sobre as “corrientes bibliográficas” sobre as missões do Paraguai. Fundadas no início do século XVII e sustentadas “á costa de heróicos trabajos”, as missões foram

merecedoras dos “más cumplidos elogios de todos los escritores de juicio imparcial”, assim como foram alvo de “fuertes contradicciones de los críticos racionalistas y anticlericales de nuestro tempo” (Prólogo).

É com este espírito que Pastells oferece “una idea sucinta de los dos gêneros de libros que hasta el siglo XIX corrieron en el mundo sobre las Misiones jesuíticas de aquellas remotas regiones”. De um lado do controvertido debate, as missões são vistas como a realização de uma utopia. Ver aqueles índios, “antes salvages y algunos de ellos antropófagos”, reunindo-se “mansamente” em torno do missionário, escutando docilmente os seus ensinamentos da fé, aprendendo devotamente os cantos sagrados, exercitando-se nos trabalhos agrícolas, na mais profunda paz e tranquilidade, “sin la vigilancia de la policia, sin aparato ninguno de fuerza pública, todo esto aparece á nuestros ojos como un ideal inverosímel, como un sueño platónico, irrealizable en el mundo miserable que nos rodea”. Do outro lado, *otros observadores* chegaram a um juízo muito diferente. Mirando sobretudo o isolamento em que os jesuítas mantinham os neófitos, “y el poder, paternal cuanto se quiera, pero ilimitado, que entre eles exerciam os predicadores da fé, muitos vislumbraram detrás de aquellas hermosas aparências algún negocio mercantil, y aun político”. Pastells questionava: A quem obedeciam aqueles índios convertidos? Ao rei ou ao missionário? Trabalhavam em benefício do seu povoado ou para enriquecer aos jesuítas? (Prólogo).

Para Pastells a forma mais equilibrada de avaliar opiniões tão desencontradas está no manejo correto dos documentos. Felizmente a abundância de documentos referentes aos jesuítas no Paraguai facilita o trabalho do historiador:

el trabajo del historiador debe consistir principalmente en escoger lo necesario, ordenarlo con claridad y pronunciar juicio recto en médio de las contrarias opiniones y de las acres controversias que se suscitaron en torno de los principales hechos de nuestra historia (PASTELLS, p. 406).

Em 1912 também veio a público uma das obras mais ambiciosas e eruditas da historiografia jesuítica: a “Historia de la Compañía de Jesus en la Asistencia de Espana”, do jesuíta espanhol Antonio Astrain. A obra, dividida em cinco tomos, apareceu com o “propósito de reconstruir toda la historia de la Compañía de Jesus española desde su fundación hasta que fué suprimida por Clemente XIV” (ASTRAIN, Prólogo). As “obras históricas” sobre a Companhia, até então, segundo o historiador, dedicavam-se a alguns

episódios de sua história, especialmente os primeiros tempos da ordem e a sua supressão. Entre estes dois grandes marcos temáticos havia toda uma história intermediária que permanecia desconhecida. A obra de Astrain vinha corrigir este “defecto”.

A ambiciosa empresa vem acompanhada de uma advertência sobre o “modo de escribir la historia”. A idéia de história advogada articula a narrativa dos acontecimentos com as devidas provas documentais.

no nos contentamos con la forma narrativa y artística de la historia clásica, sino que deseamos dar á nuestra obra el carácter demostrativo y científico á que suele aspirar con justa razón la historia moderna. Em otros términos: no nos contentamos con narrar la verdad, sino que procuramos probar que es verdad cuanto narramos (Prólogo).

Tributário da moderna história científica, Astrain acredita que o uso correto, diligente, dos “documentos originales y das fuentes primitivas” é o “primer requisito para trazar una historia sólidamente científica”. Esta história verdadeira da Companhia e dos jesuítas do Paraguai, no entanto, encontra-se dispersa em diversos arquivos. Isto exige um esforço do historiador de percorrer estes arquivos e desenterrar os “innumerables documentos sobre los misioneros del Paraguay, sepultados (...) entre el polvo de los archivos” (Prólogo). Nestes documentos:

se pueden conocer los móviles verdaderos de las acciones, las dificultades de las empresas, las circunstancias de los hechos, la influencia de los amigos y de los enemigos; en una palabra, la vida intensa de aquella obra que absorbió la atención de toda la Compañía de Jesús y toda la nación española, y que ahora, mirada desde lejos, todavía nos sorprende y admira como uno de los esfuerzos más colosales que han hecho el celo apostólico para propagar la fe de Jesucristo y la verdadera civilización (Prólogo).

Astrain traduz bem o espírito do historiador jesuíta que se pretende científico, que documenta e (com)prova a verdade, que busca a objetividade, e que não vê nenhum tipo de conflito entre este ideal de historiador e a defesa da propagação da “fe de Jesucristo y la verdadera civilización”. É como se a Companhia fosse senhora de uma verdade que não pertence a este mundo. Uma instituição que não participa e não se submete aos jogos de poder, aos embates políticos e que, por conta disso, é capaz de um julgamento reto e imparcial do mundo sobre o qual ela paira. A aura de santidade que a envolve, tecida por seus próprios filhos, e a multidão de santos que devotou ao mundo, parece sustentar a

objetividade quase sobrenatural que reivindicam os seus historiadores. A história, ciência profana é, no limite, apenas um instrumento para a revelação de uma verdade que lhe excede. Narrar o que está nos documentos originais, função do historiador, equivale a narrar a verdadeira história da Companhia, que se confunde com a verdade sobre o passado.

Esta devoção às fontes, e a necessidade de provar a verdade, levou Astrain a elaborar uma longa “Introducción Bibliográfica, ó sea catálogo descriptivo de todas las fuentes históricas”: “En este catálogo exponemos, con toda la fidelidad que nos ha sido posible, la índole y mérito de cada colección de documentos ó cada obra que citamos” (Prólogo).

A “Introducción” é um admirável trabalho de fôlego do historiador que procura fundar sua narrativa numa legitimidade documental e na autenticidade das fontes. Do patamar científico de onde mira o passado, Astrain faz um ligeiro balanço das obras históricas sobre os jesuítas do Paraguai e as divide em falsas e verdadeiras. Analisa as obras escritas pelos padres da Companhia, “autores que redactaban honradamente la verdadera historia de la Compañía de Jesús en aquella célebre provincia,” e uma “historia del Paraguay bien diferente de la que ellos concebían”, elaborada por “escritores asalariados” que difundiram pelo mundo “una historia fantástica e calumniosa de los jesuítas en el Paraguay”. O ideal de uma história que sustenta sua veracidade e legitimidade na comprovação da verdade, está a serviço de um acerto de contas com uma “historia falsa del Paraguay” (ASTRAIN, Introducción).

Quanto aos seus colegas historiadores, Astrain lhes censura os excessos e fragilidades. Padre Techo, na sua avaliação, prende-se ao anedótico, isto é, às histórias particulares, que são monotonamente perfiladas uma após a outra, ao invés de “abarcarse de una mirada el conjunto”. As cartas “de nuestros Padre generales” são citadas quase sempre para tributar elogios a este ou aquele missionário, enumerando seus atos insignes, suas virtudes e as graças extraordinárias recebidas do céu. Techo, segundo Astrain, peca pelo excesso de piedade e credulidade, “tan propia del siglo XVII, cuando no se concebía una historia de Orden religiosa sin algún acompañamiento de visiones, revelaciones y profecias, que no siempre se recibían con el debido discernimiento”. O que faltou em Techo, Astrain

encontrou em Lozano, o historiador que mais se aproxima do seu ideal científico. Atraído “también por aquella afición á los arqhivos que entonces se despertaba en Europa”, Lozano exercitou seu espírito investigativo entre os velhos documentos, os rios caudalosos e as “selvas vírgenes de América”. Cercado de vasta documentação, que lhe franqueava o acesso a informações seguras, e preocupado com o caráter demonstrativo de suas afirmações, Lozano se elevava acima dos antigos historiadores que escreveram sobre a Província do Paraguai. Astrain destaca ainda a pontualidade na ordenação dos fatos, as citações oportunas de documentos e o cuidado de cotejar informes diversos antes de pronunciar um juízo definitivo. Mas as virtudes do historiador não o fizeram imune às críticas. Carecia a obra de uma “armadura de introducciones, bibliografias, notas, apêndices y referências, de que ahora pertrechamos á las obras históricas”. Exigente, Astrain reprovou também o lado partidário de Lozano. O tom veemente do “estilo”, perfeitamente explicável em um contemporâneo “de tan fuertes refriegas, infunde alguns sospecha” sobre a imparcialidade do autor. O exagero no “estilo”, mais próprio da eloquência que da história, desagradava Astrain. A sentença é: “El docte breviterque se expedire, que miraba Cicerón como el ideal del estilo científico, no lo aprendió nunca el P. Lozano” (Introducción).

Enquanto padre Lozano contribuía “tan poderosamente en América á esclarecer los acontecimientos del Paraguay, un hermano suyo de religión” traçava na França a história mais completa até então sobre a Província do Paraguai. Em Paris, Charlevoix não podia alcançar o mesmo domínio sobre o tema que conseguira Lozano. Mas com a leitura cuidadosa das cartas e relações dos missionários, o estudo dos livros espanhóis e, por fim, a consulta com alguns padre do Paraguai, pode reunir material necessário para “desempeñar bastante bien su cometido”. Com um plano metódico e bem organizado, avalia Astrain, e com um “estilo” mais conciso, Charlevoix vai descrevendo as façanhas dos missionários desde que entraram no Paraguai até meados do século XVIII. Astrain enfatiza reiteradamente o alcance da obra, cobrindo praticamente todo o período reducional, mas não perdoa suas fragilidades. Além de não ter mergulhado nas “raíces y causas ocultas de ciertos hechos”, o historiador francês deixou escapar algumas “exageraciones piadosas que, andando el tiempo, dieron pie á idealismos inverosímiles y á ciertas descripciones poéticas de las Misiones del Paraguay”. Os desvios poéticos de Charlevoix apresentaram os índios

demasiadamente belos, o que contrasta com a “heroica paciência” que tiveram os missionários “para educar á unos hombres dóciles y secillos (...) pero también rudos en sus costumbres e cortísimos de talento (...)”.

Após este breve balanço historiográfico, Astrain conclui judiciosamente que as linhas gerais da história da Companhia no Paraguai permanecem as mesmas que foram traçadas por Techo, Lozano e Charlevoix (Introducción). Com Astrain a historiografia jesuítica do Paraguai realiza sua primeira grande auto-crítica.

O já mencionado padre Luiz Gonzaga Jaeger, jesuíta, historiador do IHGRGS, descreveu num livro também de 1940 (“As invasões bandeirantes no Rio Grande do Sul - 1635-1641”), sobre as “invasões bandeirantes,” o antes e o depois do advento dos “bandeirantes de cristo” na região. Um capítulo inicial intitulado significativamente de “Os antigos guaranis na sua barbárie” descreve desde os aspectos morais até as formas de vestimenta dos indígenas:

Na parte moral eram mentirosos, extremamente indolentes; casavam-se com uma ou mais mulheres conforme as suas posses, mas também abandonavam com extrema facilidade suas esposas para tomarem outras (...) Moravam de preferência em grandes galpões ou barracões, mal arejados, geralmente repletos de fumaça, onde coabitavam em berrante promiscuidade até cem ou mesmo duzentas pessoas de todas as idades e sexos, com manifesto perigo a higiene e a moralidade (...) A insuperável indolência do guarani refletia-se na sua inteligência, tão embotada que, segundo Montoya, apenas sabiam contar até quatro, e, alguma que outra vez, até dez (...) Se a tudo isso acrescentarmos sua antropofagia (...) sua repelente luxúria e embriagues; sua ferocidade, sua superstição verdadeiramente pueril, e, por fim, a sua invencível preguiça, então teremos uma pálida imagem do estado miserável e degradante em que se encontrava a família guarani até os albores do século XVII (JAEGER, 1940, p. 6-7)

É neste estado de degradação generalizada que os jesuítas vão encontrar os “pobres índios”. Fixado estrategicamente o quadro da barbárie, o capítulo seguinte é intitulado “Um éden no coração do Rio-Grande”. Padre Jaeger, com suas sutilezas narrativas, conduz o leitor da bestialidade gentílica ao paraíso cristão. O olhar de Jaeger é o olhar do jesuíta, do redutor:

Mas o bemaventurado P. Roque, verdadeiro bandeirante de Cristo, planejava levar o facho de luz evangélica também para margem esquerda do Uruguai (...) Foram esses aldeamentos cristãos denominados “Reduções”, com que os jesuítas foram constelando o antigo Rio-Grande, para onde iam aliciando pouco e pouco os tapes e guaranis. Esses povoados, ordinariamente bem localizados, com as suas plantas alinhadas, seus devotos templos, suas casinhas modestas e higiênicas, com as famílias regularmente constituídas (...) Em toda parte reinava a satisfação, o

conforto e a tranquilidade sob o amparo paternal dos seus mais dedicados e decididos amigos, os missionários da Companhia, que os dirigiam com mão suave, mas firme para o bem-estar corporal, e ainda os encaminhavam para uma vida melhor no além túmulo, no santo e nobilitante empenho de civilizar a esses infelizes enfeitados da mão Natureza, procurando fazer de animais verdadeiros homens, de feras legítimos cordeiros, e de bárbaros, submersos no lamaçal de hediondos vícios, cristãos modelares e filhos do Pai Celestial (JAEGER, 1940, p. 7-14).

Três séculos depois da experiência das reduções, Jaeger parece um eco jesuítico perdido no tempo. Padre Jaeger publicou “As Invasões Bandeirantes” em pleno tricentenário das “famosas incursões levadas a efeito pelos indomáveis filhos do Estado de São Paulo”. Na apresentação da obra ao público, o historiador salienta a “opulentíssima documentação” e proclama sua “imparcialidade” ao tratar de um dos temas mais “empolgantes” da história rio-grandense:

O autor deste escrito, na sua qualidade de filho do Brasil e simultaneamente filho de Santo Inácio de Loiola, julga-se colocado no fiel da balança, podendo assim expor com a devida serenidade e imparcialidade fatos apregoados por uns como dolorosos e reprováveis, por outros, porém, como heróicos e gloriosos. Também a distância de três longas centúrias não deixará de contribuir para tornar o julgamento mais imparcial (JAEGER, 1940).<sup>11</sup>

As estratégias narrativas do padre Jaeger, o tom apologético da obra missionária e as conclusões a que chega sobre as “invasões bandeirantes”, nos mostram que a filiação religiosa falou mais que a nacionalidade. Todavia, o “fiel da balança”, ou a busca pela “imparcialidade” de quem julga o passado com um olho na bandeira de cristo e outro na bandeira pátria, encontra uma saída diplomática:

Nada obstante, consideradas bem as circunstâncias todo peculiares de S. Paulo do Campo de Piratininga de 1600 a 1650, ousaremos, mutatis mutandis, proferir a sentença final: “Crimen fué del tiempo, no de San Pablo (JAEGER, 1940, p. 60)”.

Duas décadas depois, o historiador e também jesuíta Guillermo Furlong, amparado nas cartas anuas e em ampla documentação colonial, publicou “Misiones y sus Pueblos de Guaranies”. A obra é centrada na ação missionária e civilizadora dos jesuítas e no “Establecimiento de las Reducciones”. Furlong propõe-se “exponer lo que fue la historia, la organización y los resultados del sistema cultural ideado e implantado en las Reducciones

---

<sup>11</sup> Idem. Este texto, que antecede a obra propriamente dita, funciona como uma apresentação, escrita pelo próprio Gonzaga Jaeger.

de Guaraníes”. Antes de apresentar seus objetivos, aponta os erros gravíssimos e o desconhecimento histórico dos autores que desmereceram a obra jesuítica, levantando calúnias e juízos atravessados sobre o sistema jesuítico. “No es la misión del historiador,” asevera Furlong, “el denigrir ni el justificar el pasado, pero sí lo es explicar ese pasado. Enemigos de la polémica (..) nos limitaremos a exponer los hechos con toda objetividad (...) y con el único objetivo de exponer la verdad de los hechos (FURLONG, 1962, p. 6-11).” O historiador, continua o jesuíta, não deve julgar o passado a partir dos padrões e valores atuais, senão com os da época. Talvez por isso Furlong tome os relatos e cartas contemporâneas das reduções, e convenientes ao seu ponto de vista, como expressões da verdade histórica, e não vê necessidade de relativizar a visão que elas carregam sobre os guarani.

A descrição dos guarani e seu modo de vida, anterior as reduções, faz parte do capítulo intitulado “Antecedentes de las Reduciones” espécie de introdução estratégica para o capítulo seguinte. A partir dos relatos de cronistas, viajantes e das cartas jesuíticas, Furlong nos apresenta um panorama da cultura guarani no momento da chegada da Companhia de Jesus:

El Padre Luis Escandón, varón talentoso y que también conoció de cerca los Guaraníes, escribió que *es verdad, y no exagerada, que generalmente ninguna de esta gente tiene más capacidad, inteligencia y juicio, que entre nosotros, en Europa, los niños* (p. 74).

A pouca inteligência dos índios correspondia a debilidade de suas vontades. Inconstantes e mentalmente frágeis, escorregavam facilmente para a credulidade e a mentira:

La voluntad del indio, escribió Cardiel, es tan voluble como el viento; ya quiere una cosa, ya no la quiere; ya se muestra amigo, y luego al punto, por una monada, se muestra enemigo; y es muy fácil de volverse a cualquier lado, en bien o en mal (...) Aun los indios más despiertos adolecían de fallas sesibles, ya que “aun en los más capaces, escribe Cardiel, de quienes nos valemos para el gobierno de los pueblos, la capacidad que tienen, la tienen a temporadas, y de repente salen con sus dichos y hechos: la manera de los lúcidos intervalos que tienen los locos (p. 74).

Numa verdadeira cruzada em defesa do passado jesuítico, Furlong direciona suas críticas contra as “incongruencias” da obra de Félix de Azara sobre os guarani. Com o intuito de diminuir a importância da obra dos jesuítas entre os índios, Azara sustentou que os

guaranis eram dóceis por natureza, obedientes e submissos, maleáveis como cera. Não havia entre eles paixões fortes a serem domadas, nem vícios a serem desenraizados. Este juízo enganoso de Azara não condizia com a realidade, assegura o padre:

La realidad, sin embargo, era muy otra, ya que los Guaraníes eran de los indígenas más sanguinarios y más degradados que hubo en estas regiones americanas. Ningunos otros indios rioplatenses fueron más implacables en sus odios, más crueles en sus venganzas, ni más terriblemente antropófagos (p. 72-75).

Mas a chegada dos jesuítas transformou este estado de coisas. Os vícios foram extirpados e os índios foram conduzidos pelos caminhos da virtude cristã. “Más de un millón de indígenas, entre 1609 y 1767, gozaram de la felicidad en forma plena (...) una felicidad como raras veces, o nunca, la há disfrutado pueblo alguno”.

Na década de 1960 foi a vez do jesuíta suíço Clóvis Lugon apresentar a sua visão muito particular das reduções do Paraguai. A “República Comunista Cristã dos Guaranis”, uma das obras mais conhecidas da historiografia jesuítica, foi lançada em 1968.

A obra de Lugon é um caso a parte na historiografia jesuítica sobre o Paraguai. Lugon não retorna ao passado movido por interesses ligados à Companhia. Seus motivos são outros. Todos os historiadores mencionados se voltam para o passado orientados por alguma questão do presente: uma comemoração, um momento de perigo ou um acerto de contas. Em Lugon, não é o presente, mas o futuro que modela o seu olhar para o passado. A “sociedade de amanhã”, ou a realização de um mundo fraternal, justo e igualitário, como “meta final” da humanidade é o que determina a sua projeção utópica do passado (LUGON, 1968, p. 17). Sob esta perspectiva as reduções jesuítico-guaraníticas são inscritas numa teleologia redentora, cristã e comunista. Depois de examinar as distintas experiências coletivistas nas mais variadas culturas, de inspiração religiosa ou utópica, do comunismo inca à comunidade sueca de “Bishop Hill”, das sociedades sem classe dirigentes na Oceânia ao “mir” na Rússia czarista, Lugon destaca a excepcionalidade das reduções. “A República Guarani não se classifica entre as tentativas artificiais e frágeis dos idealistas religiosos ou leigos” (p. 8). A solidez da República Guarani, que se desenvolveu próspera e harmoniosamente por mais de século e meio, foi bruscamente interrompida não pelas fragilidades internas, mas pela pressão das forças espanholas e portuguesas. Retirar esta experiência do esquecimento, para Lugon, é revelar sua “dupla luz: ela nos aparece na

história como a mais fervorosa das sociedades cristãs e a mais original das sociedades comunistas realizadas até à criação da União Soviética (p. 5).” O esquecimento a que foi relegada se deve justamente a sua originalidade: foi comunista demais para os “cristãos burgueses e cristã demais para os comunistas da época burguesa” (p. 5).

Na introdução, como fez Astrain, Lugon exercita de passagem a crítica historiográfica. Lamenta nos escritos dos antigos missionários o apego ao maravilhoso, que introduz o leitor “num mundo de aparência legendária, um mundo irreal, inconsistente, situado fora do tempo e do espaço”. Neste mundo tudo é cândido, santo, sublime e os guaranis continuam sendo, de geração em geração, “os primitivos mais puros” (p. 13). Esta característica presente nos escritos dos primeiros historiadores perpetuou-se nas gerações seguintes, que escrevem sobre a “República Guarani” como se ainda quisessem defendê-la dos colonialistas e escravagistas. Este mundo irreal criado pelos padres historiadores mascarou a realidade. Longe das velhas polêmicas e dos perigos reais que cercavam as reduções, Lugon se propõe remover a “cortina de proteção e escrever com toda a franqueza e independência, reunindo os elementos de uma informação honesta. O ponto de partida é conhecer os guaranis antes da chegada dos jesuítas”. Distribuídos de maneira mais ou menos densa sobre a metade do continente, “os guaranis formavam uma raça de muitos milhões de almas (...)” Eram povos que não tinham “história (...) em que a civilização apenas esboçada jamais fez, em parte alguma, um progresso digno de registro.” (p. 23) No aspecto físico e cultural foram descritos por viajantes e etnólogos como d’Orbigny de maneira muito depreciativa, que facilmente resvalava para a “caricatura”. “Pretende-se, por exemplo, que a maior parte das tribos guaranis era ‘naturalmente estúpida’, feroz, inconstante, perversa, dada à antropofagia, extremamente voraz, propensa à embriaguez, incauta e desprevenida, de uma preguiça e de uma indolência inenarráveis.” (p. 24) Lugon procurou relativizar este juízo pouco lisonjeiro sobre os guaranis mostrando outras apreciações, como a de Charlevoix que os descreveu como dóceis e sociáveis. Perfilados os dois pontos de vista, Lugon sustentou que o “duplo aspecto do caráter dos guaranis” pode ser verificado na forma como escolhem os seus caciques, escolhidos ao mesmo tempo pela bravura em combate e pela excelência na oratória. De resto, eram povos que levavam uma vida “mais ou menos nômades, concentravam-se numa espécie de galpões onde reinava a mais completa

promiscuidade, certas tribos admitiam a poligamia, acreditavam num só Deus (...) e não existiam sacerdotes”. Assim eram os “‘bom primitivos’ com quem os padres jesuítas estabeleceram a sua ‘República Jesuítica’” (p. 24-26).

A visão menos heróica de Lugon não o permitiu embarcar na “atmosfera de legenda dourada” (p. 27) que envolveu as narrativas do século XVII, e se espalhou pela historiografia jesuítica. Os jesuítas foram os fundadores das reduções e do regime fraterno que ali se desenvolveu. O triunfo, no entanto, não foi dos missionários em particular, e de seus gestos virtuosos e corajosos. Coerente com sua visão política, Lugon descreveu as reduções como um triunfo coletivo. “Enquanto na Europa só existiam constituições bárbaras, (...) impostas pela força para sancionar privilégios”, no Paraguai experimentava-se algo inédito. Um “princípio único orientava as instituições guaranis: a solidariedade fraterna”. A “organização democrática da propriedade e do trabalho, e a descentralização administrativa” propiciavam um “sentimento tanto de liberdade e de segurança”. Diferente do que se via no mundo, e Lugon insiste neste ponto, as reduções instauraram uma sociedade fundada na “comunidade de bens” e na busca do “bem comum”.<sup>12</sup> Do ponto de vista da caminhada da humanidade rumo à sociedade perfeita, a “República Guarani”, o paraíso social anti-burguês de Lugon, encontrava numa situação intermediária entre o “comunismo primitivo e o comunismo evoluído” (p. 336, 338, 339, 346 e 347).

### **Considerações Finais**

Do barroco Techo ao científico Astrain, do militante ufanista Jaeger ao comunismo cristão de Lugon, encontramos faces diferentes de uma história institucional apologética. A visão jesuítica dos heróicos tempos coloniais perpetua-se nestes autores que pretendem a tudo julgar “segundo uma objetividade apocalíptica”. Construindo um ponto de apoio fora do tempo, reúnem passado e presente, e a diversidade do tempo, “em uma totalidade bem fechada sobre si mesma.”(FOUCAULT, 1979, p. 26)<sup>13</sup> A história, assim entendida, e amarrada, transforma-se numa “cadeia contínua” (NIETZSCHE, 2003) e imutável de acontecimentos perfeitamente encadeados. Os gestos extraordinários, a virtude

---

<sup>13</sup> Partindo das apóstrofes demolidoras de Nietzsche contra as pretensões objetivas, científicas e realistas da história, Foucault desmonta com a história concebida como uma continuidade ideal.

incorruptível e a fé a toda prova de missionários sobre-humanos, cercados de perigos e inimigos diabólicos, converteram-se nos fios de uma narrativa legendária que sacralizou o passado. Guiados pela providência - o ponto de apoio fora do tempo dos historiadores jesuítas - e por um conjunto de regras infalíveis, os missionários descreveram seus próprios atos, suas façanhas e prodígios, e legaram aos seus companheiros do futuro os motivos, os temas e o fraseado de suas próprias hagiografias.

Muitas das obras citadas foram concebidas e escritas em momentos comemorativos para a Companhia. Nestes momentos, o espírito de certo passado retorna, pelas mãos dos historiadores educados por santo Inácio, para exorcizar e/ou glorificar o presente. Comemorar é um movimento de retorno ao passado para trazê-lo à memória. É relembrar com, é tornar presente, ou reatualizar algum evento significativo que se deseja preservar. Mas como o presente não é fixo, e suas demandas se renovam, os eventos do passado são sempre recriados a cada comemoração. Estas ocasiões, nem sempre celebrativas, são marcadas por festividades, solenidades públicas, demonstrações de fé, seminários, e pela publicação de obras literárias, historiográficas e hagiográficas. Produz-se, em tempos de comemoração, um conhecimento sobre o passado para fins de consumo coletivo. O tricentenário da morte de Roque González, o centenário de restauração da Companhia ou o tricentenário das invasões bandeirantes nas reduções foram eventos comemorativos marcantes para os jesuítas. Voltar-se ao passado em ocasiões como estas é apossar-se da memória do que passou e imprimir-lhe um sentido de acordo com as expectativas do presente, daqueles que comemoram. É decidir sobre o que vai ser lembrado e como vai ser lembrado. A contrapartida, intencional ou não, desta lembrança seletiva do passado é o esquecimento.

Travam-se, nos domínios da História, verdadeiras batalhas sobre o passado. Batalhas em que o que está em jogo é o domínio do passado, ou melhor, o poder de imprimir uma visão do passado no presente. Os soldados de cristo empunham a escrita da história como arma contra uma extensa legião de inimigos notórios que ao longo de cinco séculos lhes devotam decidida oposição. Este uso da história como panegírico dos seus próprios heróis é reveladora da postura defensiva assumida pela Companhia em momentos em que a sua

legitimidade institucional foi atacada. Comemorar, nestas circunstâncias, é erguer um memorial em defesa própria.

A trajetória da Companhia de Jesus, desde os primeiros anos de fundação, foi marcada por polêmicas ruidosas e acusações públicas que deflagraram uma guerra de trincheiras inexpugnáveis. Os talentos da Companhia para a conquista e conversão foram proporcionais à sua capacidade de envolver-se em polêmicas e de conquistar inimigos pelo mundo afora. Sintomático de uma instituição que quis abraçar o mundo e reduzi-lo à sua fé, e fazer do mundo a sua vinha.

No século XX, já a certa distância das grandes polêmicas, eles não conseguem livrar-se dos juízos poderosos emitidos por John Donne, Blaise Pascal ou Félix de Azara. Os juízos destes renomados adversários foram tão contundentes que arranharam profundamente a imagem da Companhia. Daí a necessidade de explicar-se a cada obra publicada e de transformar as datas significativas em momentos de reconstrução da imagem. Por outro lado, estas polêmicas parecem alimentar o ânimo e renovar a disposição dos historiadores para as batalhas pelo passado. O empenho em restabelecer a verdade definitiva empurrou-os incansavelmente para os arquivos, fontes inesgotáveis de munição contra o fogo inimigo. Em grande parte, a historiografia jesuítica é voltada para a restauração. A imagem riscada, a legitimidade sempre ameaçada e o passado julgado, e muitas vezes condenado, encontrou nos historiadores, ou na história, um campo de legitimidade para o desagravo das injúrias do passado e a restauração da verdade.

O que seria da Companhia sem os seus inimigos notáveis?

Em épocas de crises políticas que abalam o presente, em ocasiões celebrativas ou em momentos inaugurais, certas referências do passado são acionadas. Passado e presente são então ligados pelos fios de um discurso atemporal, axiomático, que amarra os tempos numa cadeia eletiva de acontecimentos. A Companhia, abalada de tempos em tempos por “crises de legitimidade”, encontrou no seu próprio passado um verdadeiro rosário com enfiadas de heroísmos, milagres, martírios e exemplos de devoção que, habilmente desfiado, vem em socorro do presente para salvaguardar a honra e a preservação da instituição.<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup> Mais uma vez é Raoul Girardet que nos ajuda a pensar os usos do passado em defesa do presente. A expressão “crise de legitimidade” foi proposta por Girardet para caracterizar os momentos adversos que podem abalar um

Perpassa a obra de todos os historiadores aqui comentados, dos mais barrocos aos mais científicos, a incansável busca pela verdade, “primer objeto de todo historiador”, segundo o padre Pastells. A verdade foi o antídoto contra as “calúnias, injúrias e acusações” que perturbavam o repouso do passado da Companhia. Um passado digno de admiração, garantia de credibilidade e estabilidade no futuro, exigia uma permanente vigília no presente. E este era o domínio dos historiadores. Caberia a eles a tarefa de refutar a “historia falsa del Paraguay” (PASTELLS, 1912) e restaurar a verdade, amparados na exatidão dos documentos.

À verdade, como dever primeiro do historiador, eu acrescentaria a verdade como dever e virtude de todo jesuíta. Mais do que a “verdade histórica”, a Companhia de Jesus é depositária de outra verdade, a das escrituras, que foi anunciada como o caminho e a luz. A verdade como sinônimo de luz, que se opõe às trevas e às sombras, é freqüentemente evocada pelos padres historiadores para se referir ao passado. Envolto em trevas, quer do esquecimento quer das calúnias, a verdadeira história só pode ser trazida a luz por meio dos documentos originais. Antonio Astrain nos fala de

un pasado ennegrecido de vez en cuando por siniestras sombras, mas que os historiadores de Jesus, trabajando infatigablemente en reconstruir la historia de nuestros pasados tiempos, han de aumentar sin duda el torrente de luz, que el progreso histórico difunde” (ASTRAIN, 1902-9).

Poderiam estes historiadores jesuítas, exercitados no campo espiritual da verdade divina – revelada nas escrituras – e no campo científico da verdade histórica – encapsulada nos documentos escritos - almejar outra coisa? Subjaz à historiografia jesuítica, embora não declarada, uma filosofia ou uma teologia da história segundo a qual os acontecimentos vão sendo distribuídos e acomodados numa cadeia previsível que se movimenta num único sentido. É um olhar de juízo final sobre o passado. Os documentos são apenas artefatos para ilustrar o que já se sabe.

---

governo, uma instituição, etc. Nestes momentos, “não há grupo político que não ache sempre necessário, quando se trata de afirmar sua legitimidade ou de garantir sua continuidade, apelar para o exemplo e para as lições de certo número de ‘grandes ancestrais’ sacralizados pela lenda. É em nome da fidelidade às mensagens que eles ditaram, da conformidade aos princípios que estabeleceram ou às instituições que fundaram que se pretende corresponder às interpelações e aos desafios do presente.” (GIRARDET, 1987, p. 78.)

## **Bibliografia**

- ASTRAIN, P. Antonio. *Historia de la Compañia de Jesus em la Asistencia de Espana*. Madrid: Rivadeneira, 1902-09.
- BOJORGE, Dante A. Alcântara. Las disposiciones historiográficas de Claudio Aquaviva. Características e influencia en las crônicas novohispanicas de pricipios del siglo XVII. In: *XII Jornadas Internacionales sobre las Misiones Jesuíticas: Interacciones y Sentidos de la Conversión*. Buenos Aires: 23 al 26 de septiembre de 2008.
- CARDOSO, Armando S.J. (Org.) *Cartas de Santo Inácio de Loyola*. Volume 3. Servir a Deus no meio do mundo. São Paulo: Edições Loyola, 1993.
- CERTEAU, Michel de. *El lugar del outro: historia religiosa y mística*. Buenos Aires: Katz Editores, 2007.
- CHARLEVOIX, Pierre François-Xavier. *Historia del Paraguay*. Madrid: Librería General de Victoriano Suárez, 1910.
- FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FURLONG, Guillermo. *Ladislau Orosz y su "Nicolás del Techo"*. Buenos Aires: Ediciones Theoria, 1966.
- \_\_\_\_\_. *Misiones y sus pueblos de guaraníes*. Buenos Aires: Ediciones Theoria, 1962.
- GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GUEVARA, Padre. *Historia del Paraguay, Rio de Plata y Tucumán*. Disponível na Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes.
- HERNÁNDEZ, Pablo. *Organización Social de las doctrinas guaraníes de la Compañia de Jesús*. Barcelona: Gustavo Gili, Editor, Tomo II.
- JAEGER, Luiz Gonzaga. *Os heróis do Caaró e Pirapó*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1940.
- LOZANO, Pedro. *História de la Compañia de Jesus de la Provincia del Paraguay*. Madrid: 1754-55.
- \_\_\_\_\_. *História de la Conquista del Paraguay, Rio de la Plata y Tucuman*. Tomo Primero. Buenos Aires: Casa Editora "Imprensa Popular", 1873.

MURATÓRI, Ludovico Antonio. *O cristianismo feliz nas missões jesuíticas*. ( 1º edição. 1743 )

Tradução Pe. Faustino Chiamenti. Santa Rosa: Instituto Educacional Dom Bosco, 1993.

NIETZSCHE, Friedrich. *Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 2003.

PASTELES, Pablo. *Historia de la Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay*. Madrid: Librería General de Victoriano Suárez, 1912. Tomo I.

TECHO, Nicolás Del. *Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús*. Asunción: Editorial: A. de Uribe y Compañía, 1897. In: Biblioteca Virtual del Paraguay.

WRIGHT, Jonathan. *Os jesuítas*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.